



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

7 | 2010

Ponto Urbe 7

O Ritual da Tucandeira na Comunidade Y'apyrehyt, Manaus

José Guilherme Cantor Magnani



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1874>

DOI: 10.4000/pontourbe.1874

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

José Guilherme Cantor Magnani, « O Ritual da Tucandeira na Comunidade Y'apyrehyt, Manaus », *Ponto Urbe* [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1874> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1874

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© NAU

O Ritual da Tucandeira na Comunidade Y'apyrehyt, Manaus

José Guilherme Cantor Magnani

AUTHOR'S NOTE

Veja todas as fotos em: <http://picasaweb.google.com/jgmagnani/ArtigoTucandeira>

- 1 Era preciso aproveitar ao máximo a estada em Manaus. O Seminário PROCAD terminava na sexta e a volta de toda a equipe da USP estava prevista para o sábado. Mas... havia a possibilidade de fazer duas incursões a campo, uma para observar o Peladão Indígena e a outra para o ritual da Tucandeira, entre os Sateré Mawé. José Agnello tinha participado, na semana anterior, da preparação desse ritual na comunidade Sahu-Apé, num município próximo, Iranduba. E agora, justo na segunda-feira, estava programada a realização do mesmo ritual de iniciação masculina na aldeia Y'apyrehyt, no bairro da Redenção, sob responsabilidade do tuxaua Moisés. Não dava para perder: não é sempre que se está em Manaus e é preciso aproveitar bem a dispendiosa viagem. Mudei o voo, paguei a diferença de tarifa e bem cedo estava lá entre os moradores das duas comunidades vizinhas, Y'apyrehyt e Waikyhu, atarefados com os últimos retoques para a festa.
- 2 As barracas de bambu para venda de comidas típicas, de artesanato e de aplicação de pintura corporal já estavam montadas, assim como o palco com o sistema de som e a “escolinha”, com material didático sobre a cultura e língua sateré, devidamente organizado pela professora indígena. No meio do barracão, a rede onde ficariam penduradas as duas luvas tecidas de palha com as formigas, e em torno da qual os iniciandos iriam dançar, servia de brincadeira para as crianças que não paravam de correr em volta dela. Dois senhores – eram pastores? Não, apenas membros da congregação adventista, a mesma religião daquela comunidade, estavam lá, com filmadora. – “Vão registrar um rito pagão como este?”, provoqueei. – “O filme vai lá pra igreja, eles é que vão decidir o que fazer”, retrucou um deles, bem humorado. É que já os havia visto no culto

do sábado anterior, quando trocamos umas ideias sobre relativismo cultural, conversão e o Apocalipse. Há um projeto, acalentado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, em construir um templo, para cem pessoas, bem no meio do pátio da aldeia; existe até um planta da edificação, exposta num mural.

- 3 Pouca gente ainda, só os de casa. Logo chega a hora do “miú” – peixe assado na grelha com farinha e arroz. Agnello e eu saímos para comprar refrigerante e mais dois pacotes de farinha, para colaborar. Dona Baku, a tuxaua da outra comunidade onde havia sido realizada a tucandeira na semana anterior, acabara de chegar, visivelmente cansada, de uma viagem a Brasília com a missão de negociar a permanência de sua gente em Iranduba, pois havia aparecido o suposto dono da terra que ocupam há sete anos. O “mestre de cerimônia”, que iria conduzir os cânticos e a dança, tinha vindo de Andirá-Maraú, Terra Indígena dos Sateré situada na divisa entre os estados do Amazonas e Pará e já estava a postos: os “ferroáveis” estavam sendo pintados com os grafismos típicos, à base de jenipapo. As duas luvas estavam com as formigas incrustadas (mais ou menos 250 em cada luva...) por entre as fendas da malha – ferrão para dentro, resto do corpo para fora.
- 4 Uma polêmica no ar: uma artista plástica queria participar do ritual. Podia? Não podia? Afinal, era um ritual de passagem, masculino, que confere aos jovens o status de guerreiro. Outro caso: um dos iniciandos decidira participar como forma de pedir em casamento uma menina da comunidade também sateré de Hiwi, situado às margens do igarapé do Tarumã. Entre os presentes – quatro antropólogos, alunos da Escola de Dança da UEA, alunos de Saúde Pública (uma professora dessa faculdade fizera aí o seu doutorado) – vizinhos e turistas, a expectativa era grande: quantos serão? vão aguentar a dor que, dizem, é insuportável?
- 5 Estava tudo pronto para o começo do ritual e o primeiro a enfiar as mãos nas luvas foi o próprio Moisés. Evidentemente não era sua primeira vez: a tradição manda que o guerreiro submeta-se ao menos vinte vezes, ao longo da vida, a esse processo, entendido também como medida profilática, pois as ferroadas são consideradas como uma espécie de vacina e contribuem para o fortalecimento do corpo. A coreografia repete-se para cada um: com as mãos dentro das luvas, o iniciando dança e canta ladeado por seus companheiros de rito e outras pessoas da comunidade, inclusive mulheres e crianças, num movimento lateral, sempre em torno da rede.
- 6 Ao término de cada iniciação, o ferroadado estende as mãos, já inchadas, a meninas púberes, as únicas que podem tocar nele, para uma espécie de massagem. Nenhum deles dava sinais de estar sentindo aquela dor insuportável. Bem, até um determinado tempo, pois passada uma hora ou mais, já estavam com as mãos enfaixadas para mantê-las aquecidas e assim amenizar o efeito da toxina. Logo ficamos sabendo que um deles desmaiara e fora levado ao Posto de Saúde do bairro; à boca pequena corria a versão de que tinha quebrado um dos tabus mais importantes: “estivera com mulher” dias antes. A outra versão dizia que tinha problemas cardíacos e estava tomando medicamento. A artista plástica, de olhos esbugalhados, esperava, já na rua, os parentes que viriam resgatá-la. A dor, que apenas começava, iria durar 24 horas...
- 7 A festa prossegue, há uma apresentação de canto e dança por parte de uma grupo de mulheres, que inclui a participação dos presentes, em roda, no pátio; tiro ao alvo, evidentemente com arco e flecha (modéstia à parte, fui um dos poucos que acertou na mosca, digo, no olho do peixe). Uma cuia com “sabó”, guaraná dissolvido em água, circulava pelo pátio, enquanto alguns dos visitantes eram pintados com jenipapo e, no

sistema de som, músicas sateré que também estavam sendo vendidas em Cds, na barraca das pulseiras, colares e outros itens de artesanato.

- 8 Como devia voltar a São Paulo nessa noite, saí um pouco antes de a festa acabar, não sem antes ter sido agraciado com alguns presentes, entre os quais uma trombeta de bambu com uma tucandeira desenhada. Instado a tocá-la, não decepcionei. Não pude despedir-me do tuxaua Moisés: estava já recolhido, sob o efeito da ferroada. Sua iniciativa marcou mais uma vez a presença dos Sateré-Mawé na cidade. Para tanto, acionara uma extensa rede que inclui a academia – lá estavam os antropólogos, dois deles com dissertação já defendida e outros dois com trabalhos em curso, uma sobre xamanismo e outro sobre o circuito sateré na cidade; o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, do prof. Alfredo Wagner; os irmãos de fé, os vizinhos, o cantador que viera de da T.I. do Andirá e trouxera uma das luvas; dona Baku, da outra comunidade sateré, de onde vieram as formigas; a SEIND, a imprensa.
- 9 Na verdade, mais do que em rede poder-se-ia pensar numa trama, à la Tim Ingold, formada pelas linhas que “passeiam”, agenciando novos contatos, consolidando uns, descartando outros. Moisés permitira que a artista plástica participasse do ritual que, no entanto, era para valer; pouco provável que volte para uma segunda experiência “mística”, como era sua expectativa, conforme me relatou. A cerimônia toda exigiu a participação de muita gente para a remodelação do pátio e do barracão, onde habitualmente ocorrem os cultos evangélicos, as reuniões, a feitura do artesanato e as aulas; aí foram instaladas as barracas de bambu, o fogão de barro para assar os peixes, o palco e demais equipamentos. Custou trabalho, providências específicas, – a confecção das luvas e busca das formigas –, dinheiro e muita conversa. E até o comentário, em passant, de um Tukano, aluno da UFAM: esses Sateré gostam mesmo é de aparecer, de cocar, na mídia...

AUTHOR

JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI

Professor do Departamento de Antropologia da USP

Coordenador do NAU/USP

e-mail: jmagnani@usp.br